

No
Tempo
da
Onça

Maria Elvira Tavares Costa

Ilustrações: Diego Scarparo

Texto: MARIA ELVIRA TAVARES COSTA
Ilustração / Projeto Gráfico: DIEGO SCARPARO
Fotografias: LUAN VOLPATO

NO TEMPO DA ONÇA

Re-contação das histórias recolhidas na Comunidade de
Vargem Alegre,
em trabalho, de interação e empoderamento,
realizado junto aos remanescentes locais, netos do Sr. Canuto,
fundador do quilombo,
durante o segundo semestre de 2011.

CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM, ES
2013

Ficha Catalográfica elaborada por Maria Lúcia Damasceno Fernandes
Bibliotecária da Biblioteca Pública Municipal de Cachoeiro de Itapemirim-ES.
C874n Maria Elvira Tavares Costa.

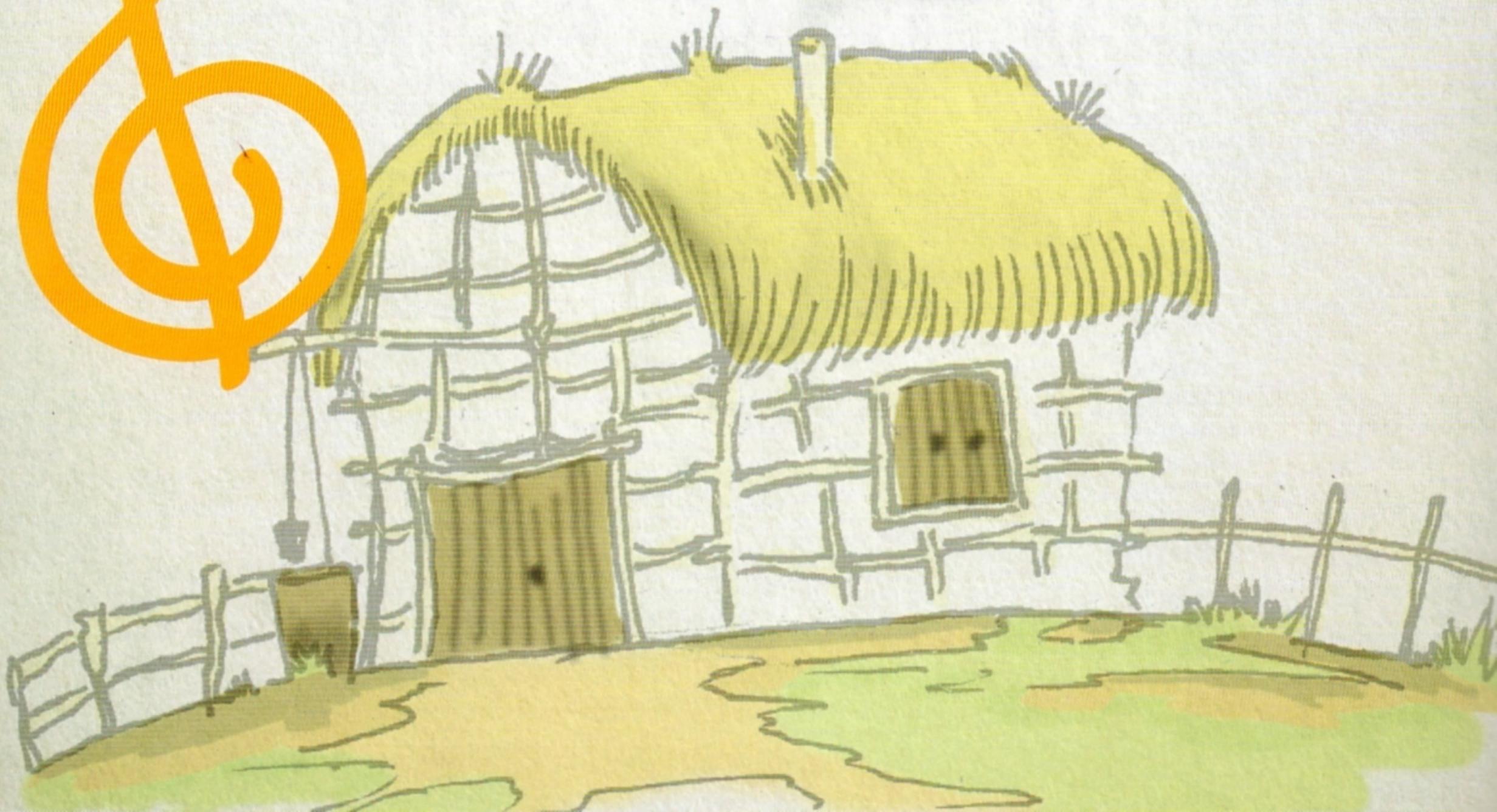
No tempo da onça / Maria Elvira Tavares Costa; organização: Genildo Coelho Hautequestt Filho
Cachoeiro de Itapemirim, ES: Gracal, 2012.
60p.

ISBN: 978-85-65435-03-1

1. Literatura folclórica – Cachoeiro de Itapemirim (ES). 2. Literatura infanto-juvenil –
Contos folclóricos. 3. Contos folclóricos – Cachoeiro de Itapemirim (ES). I. HAUTE-
QUESTT FILHO, Genildo Coelho. II. Título.
CDD 398.2098152

"Os autores registram seus agradecimentos à Prefeitura Municipal de Cachoeiro de Itapemirim, que patrocinou este livro, através da Lei Rubem Braga de Incentivo à Cultura. Os frutos são, sempre, infinitamente maiores que o recurso aplicado quando o investimento é em Cultura!"

Prefácio



Como dizia o nosso Mestre Harmojo: "a turma vem astuciando coisas para se tornar diferente, porque o Folclore não estático, ele evolui, e o povo vem ai criando, criando, criando..."

Prova disto é esta bela publicação, que não vou chamar de Infantil, pois todos que gostam de uma boa história vão se divertir muito e também ter a oportunidade de conhecer grandes Mestres e Griôs do Sul do Espirito Santo.

No Tempo da Onça só vem afirmar a importância da preservação da tradição oral e dos saberes populares passados por esses guerreiros de nossa Cultura Popular. Ao transmitir esse legado às novas gerações, o livro legitima-nos, cada vez mais, como um estado de cultura forte.

Parabéns à Maria Elvira pelo texto e pesquisa, ao Diego Scaparo pelo seu desenho preciso, ao Genildo Coelho por mais esta produção em prol da cultura popular do estado, e à Dona Canuta, ao Dom Gildo, Dona Ormy, Seu Nestor e Mestre Paulinho por manterem Viva e repassarem a nossa Cultura Tradicional do Sul Capixaba!

Viva São Benedito e a Cultura Popular do ES!

Fabio Carvalho

Capixaba, músico, gestor social e devoto de Bino Santo.



Para Luzia,
que nos deixou de
presente sua
contagante alegria.

Hoje, ela toca chocalho
para o Papai do Céu.



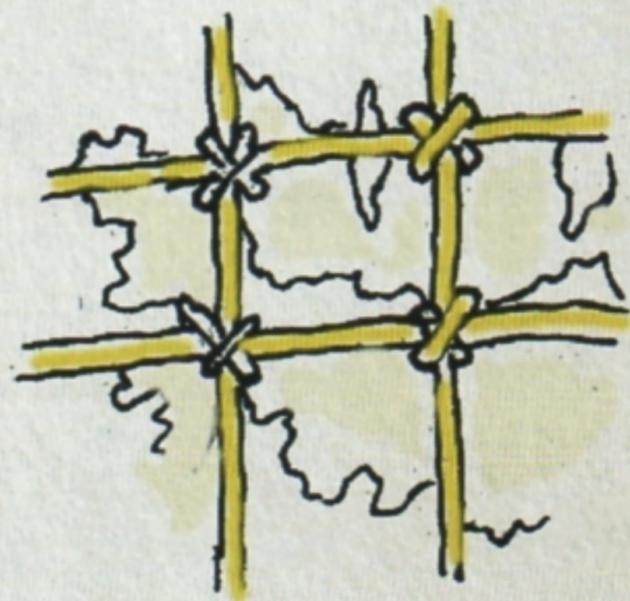
Lá na Tapera, havia dois amigos que gostavam de caçar juntos...
A gente explica:
Tapera era o apelido da Comunidade Quilombola de Vargem Alegre, interior do município de Cachoeiro de Itapemirim, Estado do Espírito Santo, região Sudeste do Brasil.



Era conhecida assim, segundo **Dona Canutinha**, porque as casinhas eram todas muito simples, construídas na sabedoria dos tempos antigos: Massa de barro socadinha na armação de varas de madeira trançadas.

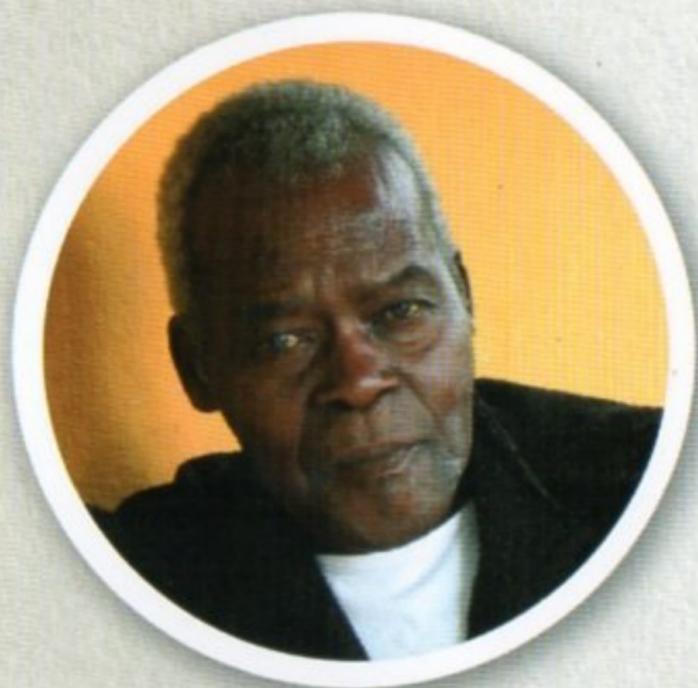
Depois, se passava uma pasta de tabatinga, que é um barro branco, prá ficar tudo branquinho e bem cuidado.

Era bonito, mas, era humilde e o povo acabava achando que era sinal de pobreza daí "tapera". Fosse hoje e a gente chamaria de Vila Ecológica!!



Mas, então, lá na **Tapera**, havia dois amigos que gostavam de caçar juntos...

A gente explica de novo: naquele tempo de matas fartas e vida simples, as pessoas caçavam para comer e os bons caçadores eram muito admirados pela coragem e audácia com que traziam comida boa para a mesa.

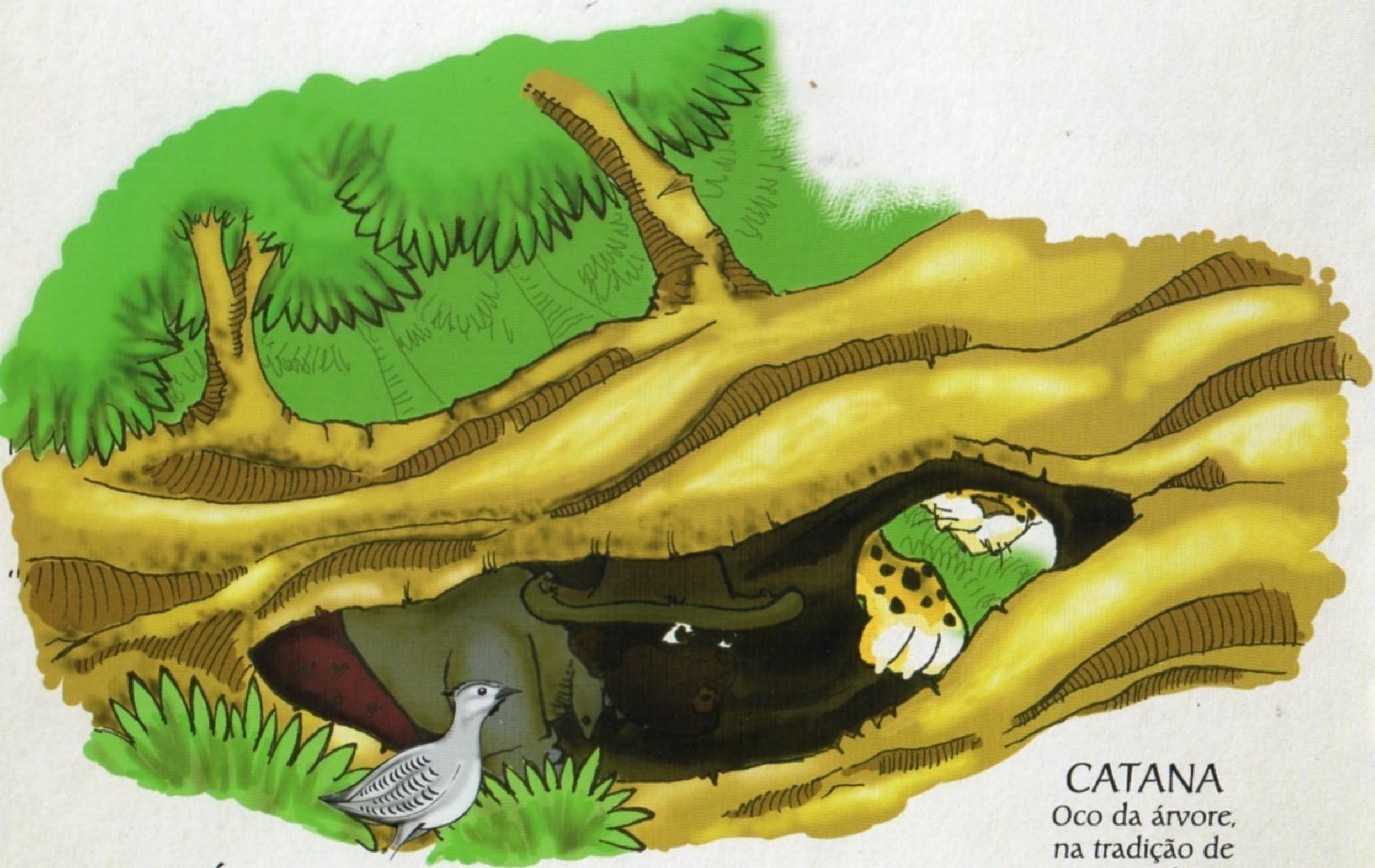


Pois bem, como a gente ia dizendo, na verdade é o **Dom Gildo** quem conta, tinha por lá dois amigos – Sebastião Monteiro e Paulo – que sempre caçavam juntos, menos numa noite. É que quando Sebastião foi convidar o Paulo, ele já estava cansado que só e não quis ir não. O sujeito insistiu:

- Compadre, vamos! Eu acabei de ver uns rastros de jaó e é hoje que nós vamos pegar ele... Mas não teve outro jeito a não ser o amigo ir caçar sozinho mesmo.

Pois foi ali pela estrada que ele enxergou um tronco de árvore caído e resolveu ficar de tocaia. Ele se enfiou na catana e ficou espiando o jaó. Ficou olhando nos olhos dele, esperando a hora certa de atirar. E o bicho ia andando de lá prá cá, de cá prá lá, olhos nos olhos. Cada vez mais pertinho...

Foi nessa hora que ele viu a mãozinha, bem na beira do buraco da madeira. Botou a pata e tirou. Ele gelou que nem força prá atirar tinha mais. Tremia que nem gelatina. Respiração ofegante. A onça botou a mão de novo. E ele viu também as unhas. Foi de uma vez só: compadre bateu com o facão na madeira, saiu gritando, assustou a onça e disparou estrada afora. Ninguém sabe como, mas, ele conseguiu fugir.



JAÓ

Uma espécie de galinha sura (sem rabo)

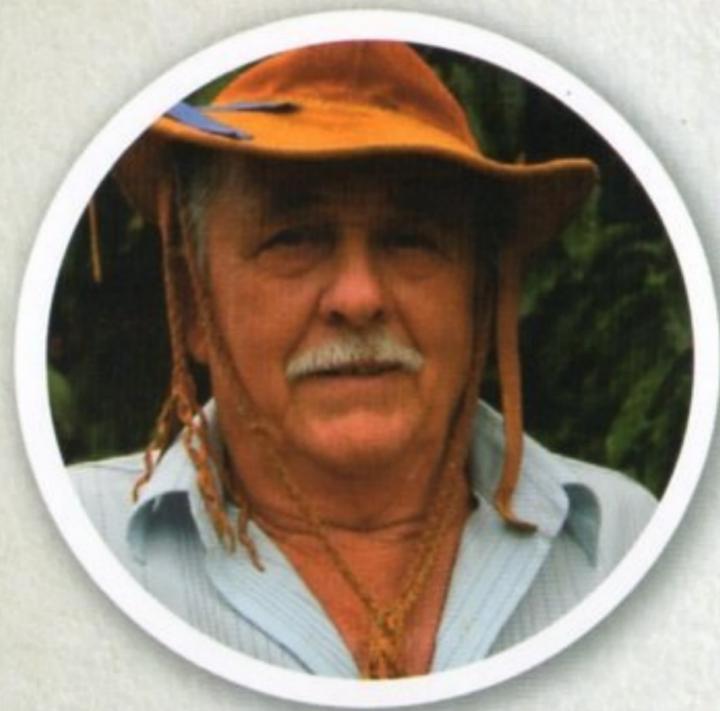
CATANA
Oco da árvore,
na tradição de
Vargem Alegre.

Acho que ele correu assim:





No outro dia, foram ver na estrada.
As pegadas dela ainda estavam lá.

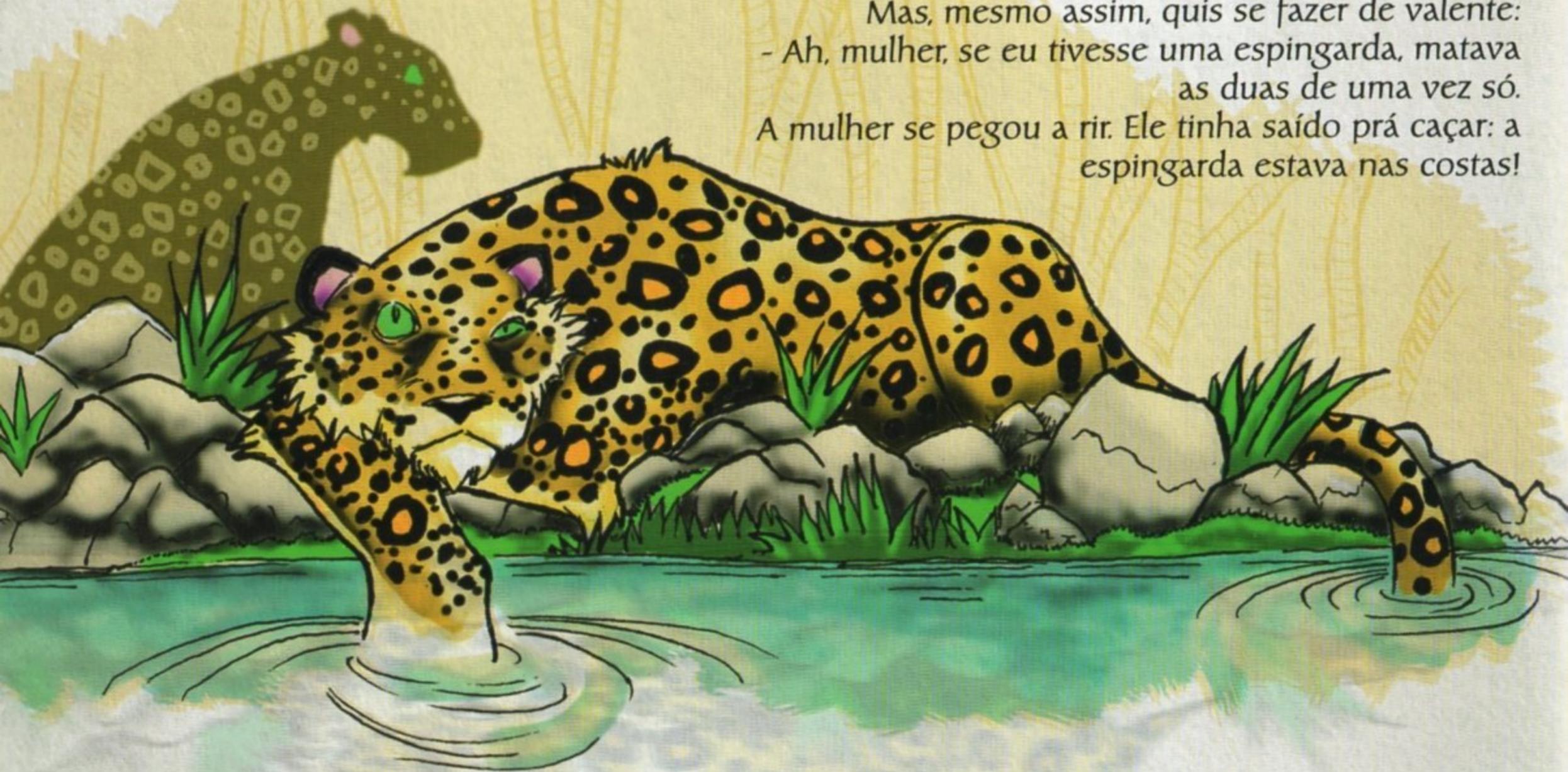


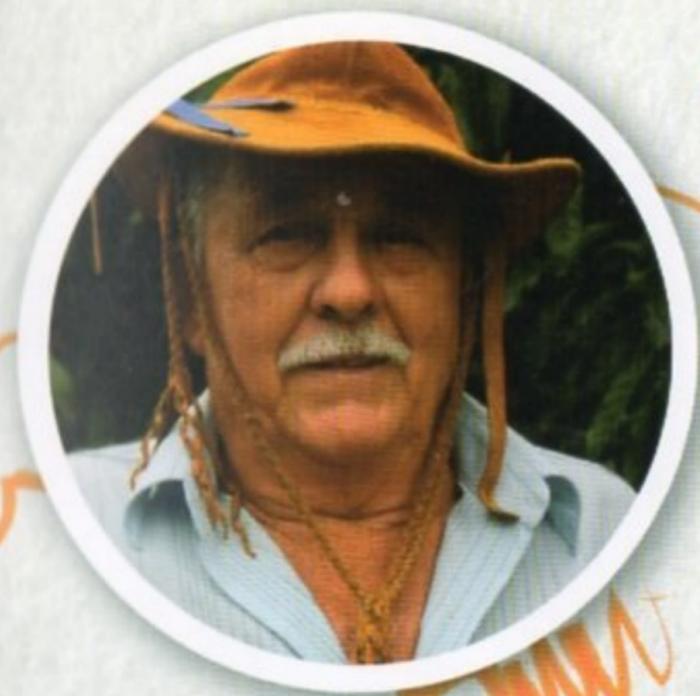
→ **Seu Nestor**, vizinho daquelas bandas, da comunidade de Santa Luzia de São Vicente, emenda contando com seu sotaque italiano, lembranças do tempo de criança:

- Lá na minha propriedade a gente tem o **Córrego das Onças**, mas ninguém mais lembra porque leva esse nome: Pois foi que o sujeito foi caçar ali pertinho e quando se deu conta... **Duas onças chegaram junto com ele.**

O camarada correu mais rápido que ventania, velocidade que só o medo sabe ditar. Chegou em casa quase prá morrer da corrida e do susto.

Mas, mesmo assim, quis se fazer de valente:
- Ah, mulher, se eu tivesse uma espingarda, matava as duas de uma vez só.
A mulher se pegou a rir. Ele tinha saído prá caçar: a espingarda estava nas costas!





Seu Nestor nos dá, ainda, notícias muito estranhas sobre caça: é um tal de contar de gente que gostava de comer gambá, cobra, lagarto e gato que o estômago acaba revirando. O povo de Vargem Alegre não gosta disso não. Pior ainda é a receita prá fazer menino parar de fazer xixi na cama: ENSOPADO DE RATO, diz que é só dar prá comer, uma vezinha, que nunca mais faz! Deus nos acuda!



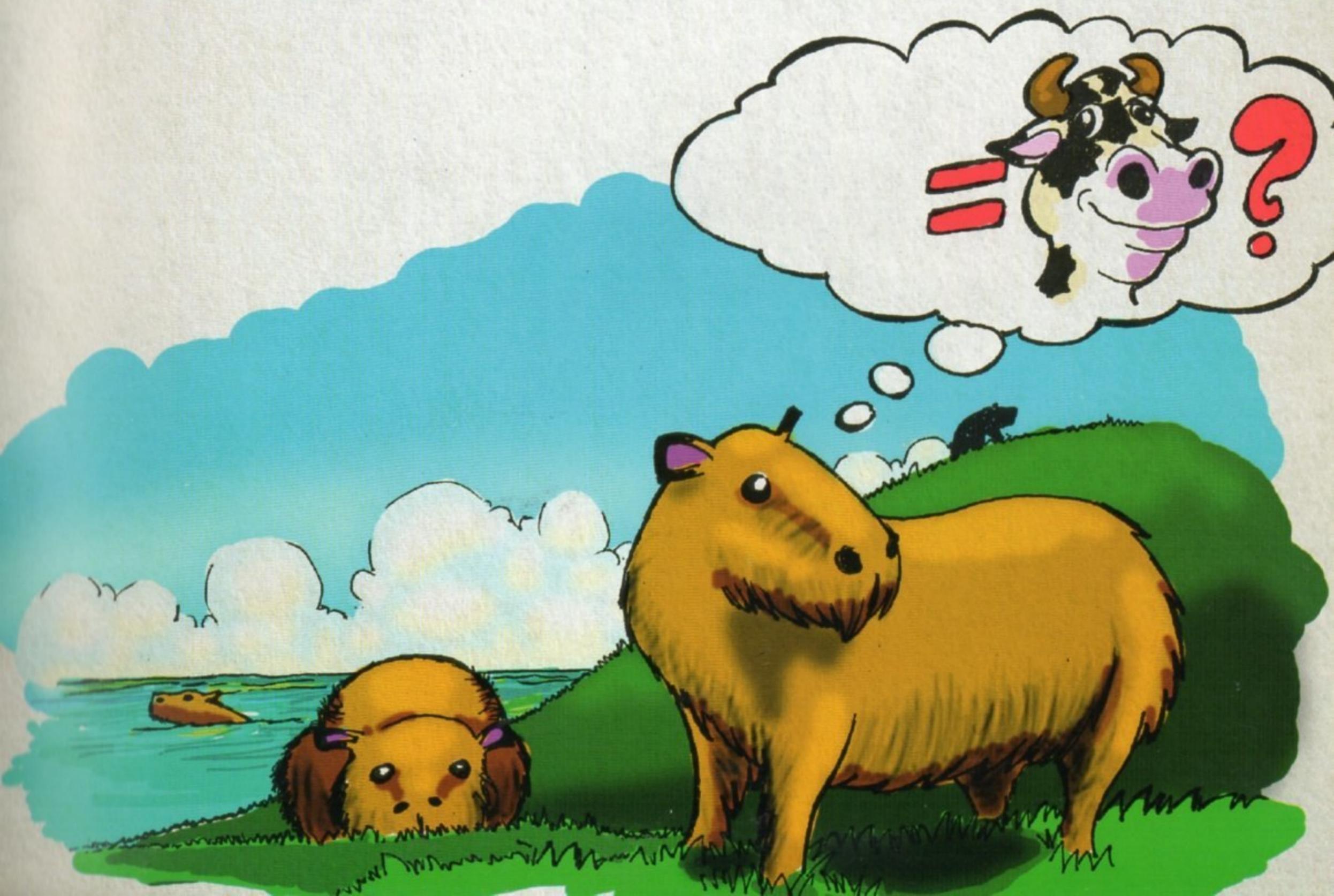


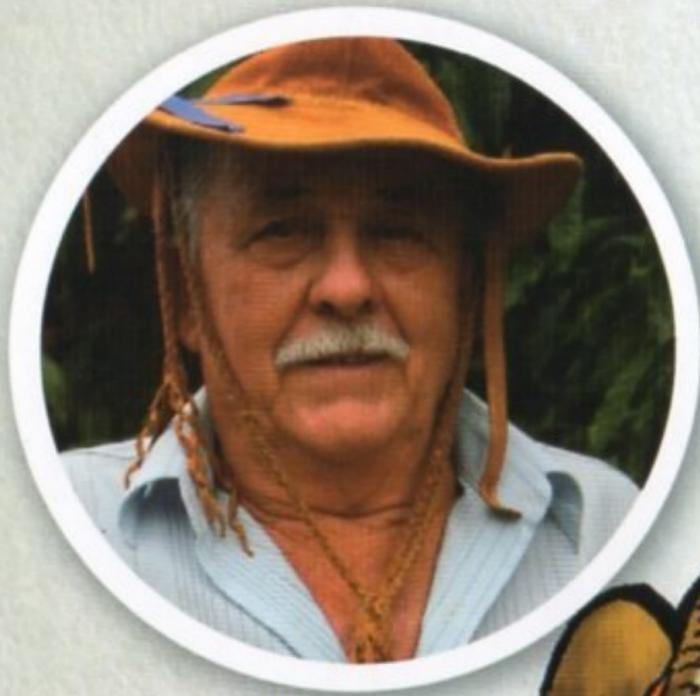
Ele mesmo diz que quando moço saiu prá caçar. Embrenhado na mata, escutou barulho no galho e pam! Foi um tiro certo: matou o gato da tia dele! Ficou desolado. Mas, já que estava morto e não tinha como voltar atrás, despelou e desmanchou o bicho todinho. Preparou e serviu dizendo que era coelho. Pelo visto, até hoje ninguém sabe dizer o que houve com o gato, coitadinho.

Mas, são águas passadas. Hoje se mata caça mais não. Mas, o gambá continua comendo galinha, ovo e pintinho e isso os deixa muito bravos, não dá para negar.



Dona Canutinha conta, também, que no outro dia avistou de longe um bicho que achou que era um bezerro gordo, pastando nas margens do rio à sua porta. Foi chamar por ele e não é que veio mesmo? Só que era uma **capivara**. Ela nem sabe dizer como conseguiu correr daquele jeito - é porque ela tem medo, gosta não de bicho assim tão perto de casa. Ainda mais agora, depois da grande enchente, que elas estão cada vez mais numerosas. E atrevidas.





Seu Nestor, agora, lembra do tempo em que polvilho era feito em casa.

Punham o milho no pilão e socavam muito. Depois derrubavam tudo num pano branco que iam torcendo e torcendo prá escorrer todo o leite. Daí, botavam o pano bem esticado prá secar ao sol. Quando seco era só bater o pó branco – estava feito o polvilho.



Dona Ormy e **Dona Canuta** concordam e acham que ainda se lembram da receita do biscoito. - Qualquer hora dessas nós vamos fazer, elas dizem! Hummmmmmm!



BISCOITO DE POLVILHO DE DONA ORMY

Ingredientes:

2 ovos (mas, podem ser 3, ou 4 ou, às vezes, 1)
Coloca-se o ovo inteiro, e vão se juntando os demais ingredientes.

Polvilho de araruta e açúcar: juntando aos ovos e amassando.

Depois de um pouco amassados, vai se juntando a manteiga, para dar a liga e poder enrolar.

Enrola-se o biscoito com as mãos e põe-se para assar num tabuleiro untado. Forno quente. Fica vigiando até chegar no ponto.

(Se a pessoa tiver mão quente, a massa esfarinha toda, não consegue enrolar. Conclusão: quem tem mão quente não pode fazer o biscoito de polvilho.)



Tá ouvindo? Essa música tá vindo lá da tapera! Vamos lá >>

Do que têm saudades?
Ah, das brincadeiras
de roda.

Às vezes, ficavam todos até
de madrugada brincando e
cantando... prá se
arrependem no dia seguinte
quando tinham de acordar
cedo prá lida.

Mas, sempre faziam de novo.
Não tinha briga, nem bebedeira,
muito menos droga que é coisa
que só passaram a
ver faz pouco tempo.



Tinha pureza e muita alegria.
Quando a gente canta parece
que o tempo volta atrás.



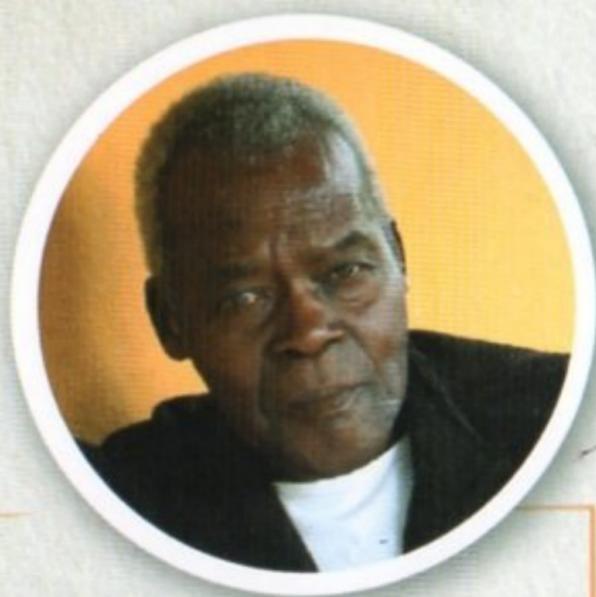
"Rodando a roda,
Rodando a roda,
Pois eu quero,
Pois eu quero
É me casar.

A moça que está na roda
Escolhe o moço que lhe agrada:
Esse não me serve,
Esse é muito tolo,
Esse é muito velho...

Só a ti, só a ti
hei de querer
Só a ti, só a ti
Eu hei de amar
Até morrer!"



Mestres de Vargem Alegre



HYLDO CAITANO (Dom Gildo) – Guardião do Caxambu, junto com sua irmã Canutinha, Dom Gildo é um observador recatado e, às vezes, desconfiado. Mas, quando o tambor toca sua face se ilumina com um sorriso de beleza difícil de descrever. São 70 anos no comando dos tambores, função que aprendeu com a avó, ainda menino. É o menino que ri. Recebeu o título de Patrimônio Vivo de Cachoeiro em 2011.



ORMYR CAETANO (Dona Ormy) – Dona Ormy sempre foi do trabalho, trabalho duro, sem fim – muitas vezes tendo que dar conta, também, da cota da Dona Canutinha, que chorava para não fazer. É uma mulher forte e incansável. Na roda de Caxambu, esquece as dificuldades e lembra os bons tempos de outrora. Jongueira de voz poderosa e cheia de melodia, foi homenageada como título de Patrimônio Vivo de Cachoeiro em 2012. Quando a cobra grande apareceu, Dona Canutinha correu na frente e trancou a porta da casa. Ela não pode entrar. O jeito foi matar. Pura coragem!

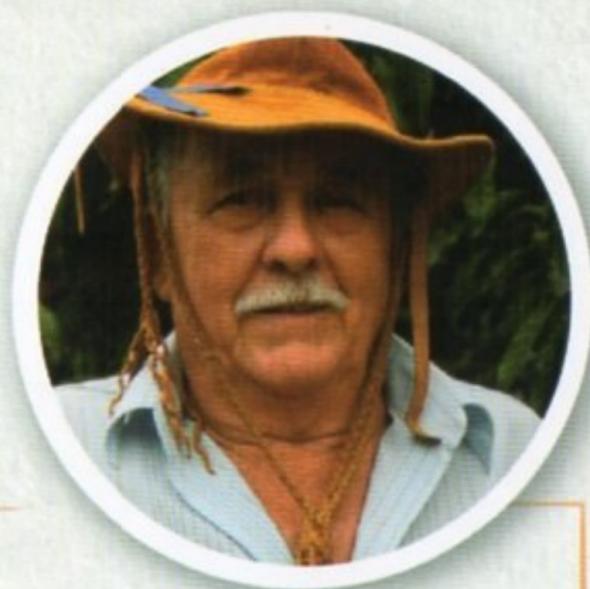


CANUTA CAETANO (Dona Canutinha) – Mestreira do Caxambu "Alegria de Viver", neta e herdeira do Seu Canuto, fundador da Comunidade. Em 2008, o grupo recebeu certificação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) de Patrimônio Cultural do Brasil. Em 2009, Dona Canutinha recebeu o prêmio Mestre Dona Izabel, concedido pelo Ministério da Cultura e, também, o Prêmio Mestre Armojo do Folclore Capixaba, da Secretaria de Estado da Cultura – Secult. Em 2010, foi reconhecida como Patrimônio Vivo de Cachoeiro. É Ministra da Eucaristia da Igreja de São Sebastião, que tanto lutou para edificar e fazer atuante. Quando pequenina tinha muita tristeza em ter que trabalhar – queria, mesmo, era estudar. Com o Centro Comunitário de Vargem Alegre transformado em Biblioteca Comunitária, a presença das crianças da Escola Municipal de São Vicente enche seu coração de alegria – de alguma maneira, seu sonho se realiza.



PEDRO PAULO CAETANO (Paulinho) – Mestre jongueiro há trinta e cinco anos, Paulinho tocou tambor pela primeira vez aos sete anos de idade. É o caçula da casa.

Foi reconhecido como Patrimônio Vivo de Cachoeiro em 2012. Seu batuque firme e cadenciado, sua musicalidade transbordante e o sorriso sempre aberto são a sua marca registrada. As crianças que visitam a comunidade saem com a certeza que Paulinho tem a mesma idade delas – pura alegria.



NESTOR GIRARDI (Seu Nestor) – De descendência italiana, nasceu e mora, até hoje, na comunidade de Santa Luzia, distrito de São Vicente, vizinho da Comunidade de Vargem Alegre, em agosto de 1945. É Mestre da Folia de Reis Santa Luzia. Sua voz forte, de sotaque italiano, enche de alegria e de boas histórias as nossas reuniões – sempre uma visita da melhor qualidade!

Equipe do Livro



MARIA ELVIRA TAVARES COSTA – Psicodramatista, Psicopedagoga, Contadora de Histórias, tia, mãe e avó - muita história para contar. Trabalhou junto ao núcleo da família Caetano, da Comunidade de Vargem Alegre, durante o segundo semestre de 2011, ouvindo, empoderando, resgatando auto-estima e projetando estratégias para o funcionamento da Biblioteca Comunitária. Essas ações culminaram no projeto "Leitura no Embornal", de sua autoria, que trouxe à Comunidade a presença das crianças da Escola Municipal de São Vicente – lendo, ouvindo histórias, convivendo e aprendendo um pouco das tradições do lugar. Este livro é fruto desse trabalho.



GENILDO COELHO HAUTEQUESTT FILHO – Arquiteto Urbanista com Mestrado em Artes. Especialista em Patrimônio Cultural. Pesquisador, defensor e grande divulgador da Cultura Popular e, principalmente, do povo que a preserva. Participou da criação da Associação de Folclore do Município de Cachoeiro de Itapemirim, em 2001. Atualmente, presta serviços à entidade como consultor, sendo responsável pela captação e aplicação de recursos. Sob sua batuta, nasceram projetos como os documentários "Todas as faces de Maria", "Filhos da Fé – Alto Paulista de São Sebastião" e "Os quatro Reis do Sul"; livros como "Palavra de Mestre", "Cultura Popular – Narrativas de devoção por seus Mestres", de sua autoria, e o presente "No tempo da Onça".



DIEGO SCARPATO – Artista plástico cachoeirense, com formação pela UFES. Autor de ilustrações inesquecíveis - sorte dele que consegue trabalhar com algo que o diverte tanto. Foi o Carybé, no documentário "Viagem Capixaba de Rubem Braga", emprestando seus desenhos para essa bela aventura. Fez o beija-flor, do Manual da Bondade, e o Zig Braga, da III Bienal Rubem Braga, bem como a identidade oficial da mesma. Com Henrique Gomes, fez a animação "Sangue e Rosa". Animou o "Piabas de meu Pai", crônica de Marcelo Grillo e, com o mesmo autor, deu vida ao "O que Bererico vai dizer?". E muito mais coisa, já feita, sendo feita e a fazer amanhã. Futuro é grande.



No Tempo da ONÇÁ

O presente livro foi produzido pela Associação de Folclore do Município de Cachoeiro de Itapemirim, ES e pelo Ponto de Cultura do Folclore, com patrocínio da Lei Rubem Braga da Prefeitura Municipal de Cachoeiro de Itapemirim



Secretaria da
Cidadania e da
Diversidade Cultural

Ministério da
Cultura

